

AS RELAÇÕES POLÍTICO-RELIGIOSAS ENTRE O IMPÉRIO MONGOL E A EUROPA OCIDENTAL EM MEADOS DO SÉCULO XIII: MISSIONÁRIOS FANCISCANOS NO ORIENTE

Luiz Rafael Xavier Vicente¹

Resumo: Este artigo analisa as relações da Cristandade européia ocidental com o Império Mongol, em meados do século XIII. As fontes históricas por meio das quais se o faz constituem-se de dois relatos de viagens, cada qual elaborado por um autor. Ambos os viajantes eram religiosos da Ordem dos Frades Menores – franciscanos. A primeira jornada analisada, que ocorreu entre 1245 e 1247, é a do italiano João de Pian de Carpini. Este frade foi incumbido pelo papa Inocêncio IV de realizar uma missão diplomática e religiosa, cujo objetivo era chegar ao grão-cã da Mongólia – o imperador Guiuc Cã – e professar-lhe o ideal cristão, por meio de uma carta do sumo sacerdote. Além disso, a mensagem levada por Carpini condenava, com base nos preceitos da Igreja, as atrocidades cometidas contra os cristãos da Europa oriental, que tanta apreensão proporcionaram à Cristandade como um todo, o que foi tema do Concílio de Lion de 1245, que alertava para possíveis novos ataques mongóis. A segunda viagem estudada é a do frei flamengo Guilherme de Rubruck. Sua duração foi praticamente igual à da jornada de Carpini – um total de dois anos, para a ida e para a volta – e o seu período foi de 1253 a 1255. Rubruck foi ao encontro do grão-cã mongol – que agora era Mangu Cã – como enviado do monarca da França, Luís IX. A Rubruck foi delegada a tarefa exclusiva – pelo menos nominalmente – de pregar, como Carpini, o cristianismo ao imperador – segundo a fonte, não havia o caráter diplomático nesta viagem. Tenta-se aqui interpretar os motivos que levaram os poderosos europeus a empreenderem essas viagens, não só do ponto de vista religioso, que fica mais patente, mas também do ponto de vista político. Tendo em vista o contexto das últimas Cruzadas, buscar-se-á confirmar a hipótese de que as expedições daqueles franciscanos tinham também o intuito de tentar uma aliança entre os cristãos e os mongóis contra os muçulmanos que ocupavam a Terra Santa.

Palavras-chave: Império Mongol – História; Europa – século XIII; Relações Oriente-Ocidente; Viajantes – missionários franciscanos; Catolicismo.

O século XIII ficou marcado como o do período final das Cruzadas. No entanto, segundo o historiador Jacques Le Goff, o grande acontecimento mundial daquele século foi o surgimento do Império Mongol,² de características tipicamente asiáticas – mais especificamente as das regiões das estepes –, mas que chegou até a Europa Oriental.

O tema deste artigo refere-se às relações entre esse Império e a Cristandade européia ocidental, em meados do século XIII, já durante a Baixa Idade Média. As fontes analisadas neste texto foram dois relatos de viagem, ambos escritos por frades da Ordem Menor, os franciscanos. O primeiro relato é de autoria de Giovanni (João) de Pian de Carpini, que peregrinou pelos domínios mongóis até encontrar-se com o terceiro grão-cã, Guyuk Cã, de 1245 a 1247. O segundo relato diz respeito ao período de viagem de Willelm (Guilherme) de Rubruck, que ocorreu entre 1253 e 1255; seu encontro foi com o terceiro imperador mongol, Mangu Cã.

Note-se que, para os nomes de pessoas e lugares, a opção foi aproximar-los ao máximo da língua portuguesa, tentando não perder de vista as suas origens mongóis, como no caso de *Caracórum*, em vez de *Karakorum*, ou *Oguedai*, no lugar de *Ögödäi*, ou mesmo *Djúitchi*, ao invés de *Juchi*. No caso de *Gêngis Cã*, optou-se pela grafia já tradicionalmente aportuguesada, em lugar de *Gengis Khan*, grafia tão propalada pela comunidade internacional. Quanto aos nomes dos autores das fontes, há, na bibliografia analisada, diversas grafias distintas. Para *Pian de Carpini*, nome adotado neste texto, há *Plano*, *Plan*, *Pian*, *Carpine* e *Carpini*; ou mesmo *Plancarpin*. Para *Rubruck*, grafia usada aqui, a variação é bem menor, embora o nome latinizado,

¹ Graduando em História UFPR

² LE GOFF, J. São Luís - Biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 45.

como na fonte, seja grafado *Rubruc* – o mesmo ocorrendo para os nomes dos cãs mongóis (*Mangu* para *Möngke*; *Guiuc* para *Giüyük*) –, e, em alguns casos, por ser um nome flamengo, há *Ruysbroeck*. Os pré-nomes serão usados em português – João e Guilherme –, e não nas línguas originais – *Giovanni*, italiano, e *Willelm*, flamengo.

Ao longo do texto deste trabalho, o objetivo foi tentar interpretar, segundo as fontes – que proporcionam explicações variadas sobre o tema, dada a riqueza de informações que trazem a quem as estuda –, os motivos que levaram Carpiní e Rubruck ao coração do Império Mongol. Eles teriam ido apenas para propagarem o cristianismo aos nômades das estepes ou haveria motivos políticos entre os intuitos das viagens?

A tradição social dos povos turco-mongólicos era – e, em muitos casos, ainda é – a do nomadismo das estepes. Este nomadismo tem muito a ver com as condições climáticas da região de origem dos mongóis, aproximadamente o território da atual República da Mongólia. Sem saída para o mar, este território se estende, a oeste, por uma série de cadeias de montanhas (Altai e Khangai), separadas por lagos; o sul e o leste incluem grande parte do deserto de Góbi; o clima é continental, caracterizado por poucas chuvas e altíssimas variações de temperatura. Além disso, a maior parte dessa região e de suas adjacências é composta por uma imensa planície de estepes. "Desde a Antiguidade, hordas nômades circulavam através da imensa zona de estepes que cobre importante porção da Eurásia [...]. Seu próprio *habitat* impunha há milênios um modo de vida pastoril que parecia estranhamente rudimentar ao lado das civilizações sedentárias que lhes eram contemporâneas."³ Embora esses povos prezassem suas tradições de cavaleiros, pastores e guerreiros,⁴ sentiam-se atraídos pelo modo de vida das populações sedentárias, estabelecendo assim uma relação de destruição e pilhagem a estas, por um lado, e de assimilação,⁵ por outro.

O grande personagem da história do Império Mongol é Gêngis Cã. Temudjin, seu nome,⁶ conseguiu unificar e pôr sob seu comando as tribos nômades mongóis, fosse por sua destreza militar, fosse por sua inteligência nas alianças políticas. Convenceu-as de que era descendente do Lobo Sobrenatural⁷ e fez-se proclamar cã supremo (*khakhan*) por uma *kurultai* (assembléia de líderes mongóis), em 1206. A chefia tradicional fora trocada por uma monarquia de direito divino,⁸ já que, para os xamãs, Gêngis Cã era o escolhido de *Tengri*, o "Céu Eterno".⁹

As forças militares de Gêngis Cã, extremamente organizadas¹⁰ e ligadas a seu chefe por fidelidade pessoal, passaram então para as conquistas, por assim dizer, externas: submissão dos povos sedentários que cercavam os mongóis. Passava-se então de uma fase de pilhagem simples e subsequente retirada para outra de cobrança de tributos e de exigência de participação de não-mongóis em suas forças militares. Gêngis Cã comandou em pessoa as conquistas da China do Norte (1209), Turquestão (1218), Corásmia¹¹ (1220), e enviou seus melhores generais (Djebe e Subotai) para conquistarem as terras caucasianas, submeterem os turcos quipchaques¹² do norte do mar Cáspio e pilharem o principado de Kiev (1222). Após os sucessos no oeste, houve uma nova campanha contra a China, durante a qual Gêngis Cã morreu, ao que parece, de causas naturais, não sem antes ter orientado seus herdeiros quanto à continuação das conquistas.

³ PERROY, É. A Ásia mongólica (séculos XII-XIII). In: CROUZET, M. (dir.). **A Idade Média**: o período da Europa feudal, do Islã turco e da Ásia mongólica; os tempos difíceis (início). 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958. (História Geral das Civilizações, n. 7). p. 87.

⁴ Sobre os hábitos (moradia, meios de transporte, alimentação, trabalho e vestuário), ver: PHILLIPS, E. D. Os mongóis e a tradição nómada. In: _____. **Os mongóis**. Lisboa: Verbo, 1971. (Coleção História Mundi; n. 9). p. 24-41.

⁵ PERROY, op. cit.

⁶ O termo "Gêngis Cã" é uma adaptação fonética para o português de *Tchinggis Khan*, que foi o título atribuído a Temudjin. Vem de *Tchinggis* (algo como "oceânico", "supremo") e *Khan* ("chefe").

⁷ A ancestralidade do Lobo Sobrenatural era reivindicada por diversos líderes de povos turco-mongólicos. Com Gêngis Cã não foi diferente. Ver: ELIADE, M. Religiões da Eurásia antiga: turco-mongóis, fino-úgricos, balto-eslavos. In: _____. **História das crenças e das idéias religiosas**: de Maomé à Idade das Reformas. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. t. 3. p. 15.

⁸ CONRAD, P. **As civilizações das estepes**. Rio de Janeiro: Ferni, 1978. p. 163.

⁹ Sobre o xamanismo mongol e sobre a crença no "Céu Eterno", ver: ELIADE, op. cit., p. 17-38.

¹⁰ Sobre a organização militar mongol, ver: PHILLIPS, op. cit., p. 46-58; CONRAD, op. cit., p. 191-210.

¹¹ Ou *Khwarezm*, região dominada na época por turco-iranianos islâmicos, que corresponde hoje à parte norte do Irã e ao Afeganistão.

¹² Conhecidos também como polovtses ou cúmanos.

Gêngis Cã percebera que um território daquela extensão – o Império Mongol foi o maior de toda a história, em território contínuo – não poderia ficar a cargo de um só homem. Quatro de seus filhos, os gerados pela primeira esposa, Boerte, tiveram direito a herança.¹³ O primogênito, Djútchi, receberia as terras de estepes em torno dos rios Volga e Ural, mas, como morrera pouco antes de Gêngis Cã, o filho de Djútchi, Batu, as herdou. Tchagatai, o segundo filho, ficou com a Ásia Central e a Pérsia. Oguedai, embora tivesse a preferência de seu pai para o substituir como grão-cã, comandaria um *ulus* (povo ou grupo de povos) próprio, a leste do lago Balcache. E a Tolui, o mais novo, coube a terra-mãe da Mongólia.¹⁴ Todos esses territórios serviam à prática do nomadismo das estepes; as zonas sedentárias controladas pelo Império dependeriam diretamente do grão-cã e deveriam pagar tributos e ceder contingentes para as tropas imperiais.

Embora fosse o preferido de Gêngis Cã, Oguedai teve que se submeter a uma *kurultai*, pela qual foi aclamado em 1229, reinando até 1241. Seu comando deu início à segunda fase do Império Mongol.

As tentativas de aproximação entre o Ocidente cristão e o Império Gengiscânida ocorreram quando Guiuc (1246-1248) e Mangu (1251-1259) foram os grãos-cãs. Sob Oguedai, as prerrogativas mongóis, baseadas no *Yassa* (código) de Gêngis Cã,¹⁵ foram impostas às regiões sedentárias dominadas. Quando da morte do segundo grão-cã, os fundamentos do Império tinham sido completados em toda a região das estepes.¹⁶

Ainda que Oguedai Cã tivesse indicado seu neto Shiramun como sucessor, sua viúva, Toreguene,¹⁷ conseguiu, mediante manobras políticas, assegurar a escolha de seu filho Guiuc como imperador, na *kurultai* de 1246, contra a vontade de Batu, que comandava a Horda de Ouro.¹⁸ Batu era formalmente súdito do Imperador, mas nunca prestou vassalagem a Guiuc Cã. Havia uma disputa rigorosa pelo poder entre os descendentes das casas de Tolui (Mangu, Hulégu e Cublai) e Djútchi (Batu) e os das casas de Oguedai (Guiuc) e Tchagatai.¹⁹

Foi exatamente nesse contexto de mudança imperial que foi enviado o primeiro missionário ocidental à corte gengiscânida, o italiano João de Pian de Carpi. Seu relato sobre algumas das regiões de domínio tártaro,²⁰ elaborado logo após sua viagem (1245-1247), representa um pioneiro documento ocidental sobre os

¹³ A poligamia era a regra entre os mongóis. Todos os filhos, de todas as esposas, e também os adotados, tinham os mesmos direitos, até que lhes morresse o pai. Então somente os filhos gerados pela primeira esposa tinham direitos a espólios.

¹⁴ Os mongóis propriamente ditos são originários da região entre os rios Orkhon e Kerulen, a leste do lago Baical, o qual atualmente pertence à Rússia. Além dos mongóis, havia os keraites ou caraítas, os naímanos, os merquitas, os taidjutes, os oirates (ver nota 39) e os tártaros (ver nota 19). Segundo as tradições mongóis, o filho mais novo era o "guardião da pátria mongol" (*otciggin*). Ver: CONRAD, op. cit., p. 214.

¹⁵ Sobre o *Yassa* ou *Yasaq* de Gêngis Cã, ver: LAMB. H. **Gengis Khan**: emperador de todos los hombres. Madrid: Alianza, 1985. p. 61-67 e 186-189.

¹⁶ PHILLIPS, op. cit., p. 87.

¹⁷ As mulheres parecem ter desempenhado importante papel no Império Mongol. Quando da vacância do trono de grão-cã, por ocasião de falecimento, a regência cabia à viúva do morto. Sobre os trabalhos das mulheres mongóis, ver: Ibid., p. 38. Sobre as mulheres na corte mongol, ver: ROSSABI, M. **Women of the Mongol Court**. Disponível em:

<www.woodrow.org/teachers/history/world/modules/mongol/sexfandexhex.html> Acesso em 21 jul. 2003.

¹⁸ O termo "horda" vem do francês *horde*, uma variação da palavra mongol *ordu* (acampamento, sede da corte). A tenda de feltro era a casa mongol, chamada *ger*. Portanto, o nome "Horda de Ouro" é explicado pelo provável fato de a *ger* de Batu ter decorações douradas. A Horda de Ouro compreendia a atual Rússia europeia meridional-oriental, a Ucrânia, o Cáucaso e o Cazaquistão. Sobre as *ger*, ver: PHILLIPS, op. cit., p. 34-36.

¹⁹ SAUNDERS, J. J. **The History of the Mongol Conquests**. London: Routledge & Kegan Paul, 1971. p. 105-106.

²⁰ Cf. MARGULIES, M. **Os judeus na história da Rússia**. Rio de Janeiro: Bloch, 1971. p. 297 (nota 1, cap. 5), uma das tribos mongólicas unificadas por Gêngis Cã se chamava *tata* (ver nota 13). Como em grego o termo *tártara* significa "inferno", e como os mongóis, aos olhos da Europa, representavam verdadeiros demônios, muitas vezes tidos como os habitantes de Gog e Magog, do *Apocalipse* de São João, houve uma conjunção dos dois termos para a designação desses "bárbaros". Surgiu então um termo genérico, embora errôneo, baseado no etnológico mongol e no mitológico grego. No decorrer do tempo, como o distanciamento entre os mongóis que ficaram na Ásia e os que, por conta das invasões, foram assimilados a novas culturas, surgiu um novo grupo étnico na Rússia, no médio Volga, ao qual foi atribuído o nome

mongóis. Carpini desfrutava de excelente reputação na Ordem dos Frades Menores e teve papel fundamental na propagação das idéias franciscanas na Europa Ocidental.

Em 1241 as forças de Oguedai Cã estiveram prestes a atacar o Ocidente cristão. Às portas de Viena, os contingentes mongóis tiveram que se retirar para a capital do Império, Caracórum,²¹ por causa da morte daquele, para uma nova *kurultai*. Foi um perigo real para a cristandade católica europeia. A imagem de terror que os mongóis, sob o comando de Batu, haviam causado à Europa oriental não passou despercebida pelo papa Inocêncio IV nem pelos príncipes da Europa ocidental. E também não passaram despercebidas as atrocidades infligidas às potências islâmicas pelos mesmos mongóis. Os príncipes europeus estavam no interregno da Sexta Cruzada (1227-1229) e da Sétima (1248-1254). Ora, se estes mesmos monarcas visavam a eliminar os infieis muçulmanos da Terra Santa, nada mais propício que tentar uma aliança com aqueles que tiveram força para ameaçá-los: os mongóis. Havia a esperança de que estes poderiam ser cristianizados,²² e, além disso, a aliança parecia ser algo necessário, uma vez que o Ocidente estava enfraquecido por disputas feudais entre papas e imperadores,²³ o que dificultaria a Cruzada vindoura.

Tendo isso em vista, e conforme o Concílio de Lion de junho de 1245,²⁴ Inocêncio IV despachou a primeira missão católica formal para o Império Mongol, naquele mesmo ano. Em parte para protestar contra as violentas invasões à Europa oriental, em parte para tentar angariar informações valiosas ao Ocidente com relação às intenções dos cavaleiros das estepes.

À primeira fonte usada neste artigo foi dado o título *Enfrentando os guerreiros tártares medievais* (Petrópolis: Vozes, 1999. 83 p.). Tradução direta do latim para o português, feita pelo frade franciscano Ildefonso Silveira, *Enfrentando...* apresenta o problema de não representar a obra *Historia Mongalorum quos nos Tartaros appellamus* (“História dos mongóis, que chamamos de tártares”, numa tradução livre) integralmente.

De acordo com esse documento, o frade Carpini começou sua jornada em Lion, em abril de 1245, acompanhado de outro frei, Estêvão da Boêmia. Depois de Lion, Carpini chegou a Breslau, na Polônia, onde se integrou à missão o frei Benedito da Polônia, que faria as vezes de intérprete. Carpini chegou a Kiev em fevereiro de 1246. Ali, recebeu orientações de como tratar com os mongóis: “Por mercê de Deus chegara ali o senhor Wasilico (Basilio), duque da Rússia, do qual obtivemos conhecimento mais completo sobre os tártares. Disse-nos que, se quiséssemos chegar até eles, deveríamos ter muitos presentes para lhes dar [...], [senão] não conseguiríamos levar a efeito a embaixada.”²⁵ Ainda em Kiev Carpini confirmou a imagem de terror que os mongóis causaram aos europeus quando de seus ataques no início dos anos 1240. Ele observou, nos arredores daquela cidade que fora o berço da civilização russa, centenas de ossadas humanas expostas ao tempo, fruto da violência mongol.

Depois, Carpini passou pelos rios Dnieper e Volga, e alcançou o *ordu* de Batu, em abril de 1246, um ano após o início da viagem. Ali, os estrangeiros, com seus presentes, tinham que passar entre dois fogos antes de serem apresentados àquele cã,²⁶ que ordenou que a comitiva seguisse viagem rumo a Caracórum,

“tártares”. Estes, advindos, *grosso modo*, da fusão entre búlgaros (turcos) do Volga e mongóis, na época da Horda de Ouro, são islâmicos e vivem atualmente na República Autônoma da Tartária (em russo e em tártero, *Tatarstan*), que faz parte da Federação Russa. Sua capital é Kazan.

²¹ Ou *Karakorum*, hoje um sítio arqueológico a 300 km a leste da capital da República da Mongólia, Ulan Bator.

²² Havia a lenda do Preste João, segundo a qual existia na Ásia um reino cristão. Tal mito esteve muito presente na mentalidade medieval europeia, e foi transferido para a África quando das viagens portuguesas àquele continente. Além disso, segundo observariam Carpini e Rubruck, o Império Mongol tinha muitos cristãos nestorianos, o que facilitaria, em tese, a compreensão do catolicismo. O nestorianismo é uma heresia cristológica do século V, promovida por Nestório, patriarca expulso de Constantinopla, para o qual havia duas naturezas em Jesus Cristo: a divina e a humana. Portanto, Maria não poderia ser mãe de Deus, somente de Jesus.

²³ PHILLIPS, op. cit., p. 91.

²⁴ Cf. ibid., “O concílio de Lião [sic] reuniu-se em Junho de 1245 para considerar a unidade cristã e a defesa contra os Mongóis.”

²⁵ SILVEIRA, O. F. M., I. **Enfrentando os guerreiros tártares medievais**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 21-22.

²⁶ Aqui se nos apresentam dois aspectos antagônicos, do ponto de vista das idéias cristãs franciscanas. Os mongóis eram muito afeitos a receberem presentes por parte daqueles que passavam por suas terras, o que ia de encontro aos ideais franciscanos de pobreza. E, no caso da purificação pelo fogo, executada para extirpar de estrangeiros idéias malfazejas, mostra-se-nos a oposição entre as crenças naturais dos mongóis (lembra de *Tengri* e do *Lobo Sobrenatural*) e as crenças culturais dos cristãos.

para tratar do assunto diretamente com o grão-cã. Carpini chegou exatamente quando Guiuc subia ao trono. Passou por terríveis provações impostas pela fome e pelo frio durante o longo percurso até Caracórum, tendo atravessado o rio Ural, passado próximo aos mares Negro e Cáspio, transposto o rio Sir Dária,²⁷ entrado em cidades maometanas, como Samarcanda e Bucara,²⁸ até ter alcançado, em julho de 1246, a capital do Império Mongol, afirmando que “[...] entramos na terra dos *mongalos* [sic], que chamamos de tártaros. Como cremos, por esta terra viajamos por três semanas, cavalgando velozmente; e no dia de Santa Maria Madalena (vinte e dois de julho), chegamos aonde estava Guiuc, antes de sua eleição como Grão-cã dos mongóis.”²⁹ Analisando o trecho, deve-se ter em mente o contexto da *kurultai* que elegeu Guiuc grão-cã.

À cerimônia de entronização de Guiuc Cã, em agosto de 1246, estavam presentes inúmeros convidados, de várias partes da Europa Oriental e da Ásia, para prestações de vassalagem, entregas de presentes e pagamentos de tributos ao novo grão-cã.

Após a entronização efetiva, Guiuc Cã chamou Carpini até ele, assim como fazia com os que lhe iam render homenagens e oferecer presentes. Segundo o frei, “[...] fomos perguntados se queríamos também oferecer presentes, mas já tínhamos consumido nossas reservas.”³⁰ Guiuc Cã demorava para os atender. Carpini, então, começava a colher informações que poderiam ser úteis à cristandade européia, em caso de possíveis ataques ao Ocidente.

Somente em novembro de 1246 Carpini recebeu a carta-resposta de Guyuk Cã. A compreensão entre as partes era difícil: o novo grão-cã não entendia como poderia ocorrer uma aliança entre os cristãos e os mongóis. Ele tomou a carta como aviso da futura vinda de um chefe político, para ele, o papa,³¹ como ato de submissão. Guyuk Cã acabou entendendo que não se tratava disso. Então, sua resposta exigia rendição:

A fortaleza de Deus, imperador de todos os homens, envia ao grande papa esta carta [...]. Aconselhando-me sobre o modo de estabelecer paz entre nós e tu, Papa, e todos os cristãos, tu nos enviaste um embaixador, como ouvimos de tuas palavras e se conclui de tua carta. Se, portanto, vós, Papa, e todos os reis e governantes, desejais manter paz conosco, não tardeis, de modo algum, em vir até nós para estabelecer a paz e então ouvireis a nossa resposta e ao mesmo tempo conhecereis nossa vontade. No texto de tua carta é dito que nós devemos ser batizados e nos tornar cristãos. Ao que respondemos, com poucas palavras, que não compreendemos absolutamente por que deveríamos fazê-lo. Quanto ao outro ponto de que nos falavas na tua carta, isto é, de que te maravilhas com tanta matança de homens, sobretudo cristãos, em particular de poloneses, morávios e húngaros, respondemos do mesmo modo que também não entendemos isso. Todavia, para que não pareça que queremos deixar o assunto, dizemos que se deve responder-te do modo seguinte: porque não obedeceram nem à palavra de Deus, nem à ordem de Gêngis-Cã, nem de Cã [neste caso, Oguedai Cã, o segundo imperador, morto em 1241, sob cujo mando a Europa oriental fora atacada pouco antes de sua morte] e, reunindo o grande conselho, mataram os nossos embaixadores, por isso Deus ordenou que os aniquilássemos e os entregou em nossas mãos [aqui parece que Guiuc Cã confunde os cristãos com os corásrios, que eliminaram embaixadores mongóis quando estes foram exigir submissão, ainda nos tempos de Gêngis Cã]. De resto, se Deus não tivesse feito isso, que coisa teria podido fazer um homem a outro homem? Mas vós, homens do Ocidente, credes que só existis vós, cristãos, e desprezais os outros. Como podeis conhecer a quem Deus concede seu favor? Nós, adorando Deus, com a fortaleza de Deus, devastamos toda a terra do Oriente e do Ocidente. E se esta não fosse a fortaleza de Deus, que poderiam fazer os homens? Se escolheis a paz e intencionais entregar-nos as vossas forças, vós, Papa, juntamente como os poderosos entre os cristãos, não tardeis de modo algum a vir a mim para estabelecerdes a paz e então saberemos que quereis paz conosco. Se, porém, não crerdes nesta missiva de Deus e nossa e não escutardes o conselho de vir a nós, então saberemos com certeza que quereis ter guerra conosco. Depois disso, o que acontecerá não sabemos; só Deus o sabe.³²

²⁷ Os rios conhecidos hoje como Sir Dária e Amur Dária correspondem aos que, na época das conquistas de Alexandre da Macedônia, eram chamados, respectivamente, de Iaxartes e Óxus.

²⁸ As cidades de Samarcanda e Bucara são de origem e tradição persas. Eram importantes centros comerciais e culturais para o islamismo antes das invasões mongólicas impostas a elas quando faziam parte da Corásmia (ver nota 10). Entretanto, pertencem hoje ao território do Uzbequistão, um país de origem turco-mongólica, por causa das divisões territoriais arbitrárias perpetradas pelo regime stalinista quando as repúblicas da Ásia Central faziam parte da União Soviética.

²⁹ SILVEIRA, op. cit., p. 32.

³⁰ Ibid., p.37.

³¹ Guiuc Cã não poderia compreender a diferenciação entre o poder espiritual do papa e o poder temporal de um príncipe. Na concepção mongol, o grão-cã era o escolhido de *Tengri*, e detinha os dois poderes.

³² Ibid., p.41-42.

A própria carta-resposta de Guiuc Cã dá idéia da mensagem de Inocêncio IV, cujo conteúdo não foi colocado no relato por Carpini. Havia um clamor para que não mais houvesse matanças de cristãos, bem como, aos olhos de Deus, o papa afirmava ser aquilo condenável. Também existia o pedido para que os mongóis se tornassem cristãos. O grão-cã afirmava não compreender nada daquilo. Na lógica dos mongóis, quem não se lhes submetesse deveria ser destruído, já que, como está no começo da carta, o grão-cã era o “imperador de todos os homens”. Conseqüentemente, todos deveriam aceitar essa premissa. Sobre o pedido para ser batizado, Guiuc Cã despreza o cristianismo romano, sem temer a ira divina que se lhe poderia abater, de acordo com o que Inocêncio IV escrevera.³³ Além disso, Guiuc Cã “[...] tomou a carta papal como a vinda de um chefe político, de quem os príncipes eram vassalos, e como oferta de submissão”,³⁴ e convocou o próprio papa para se lhe submeter.

No regresso, em 1247, após enfrentar outras tantas agruras que enfrentara na ida, Carpini alertou os cristãos para o perigo mongol, sugerindo a união da cristandade ocidental,³⁵ para sua própria manutenção, pois o grão-cã queria conquistar o mundo. O frei foi uma espécie de espião da cristandade, como se verifica neste excerto:

Na corte do grão-cã acham-se concentrados guerreiros e príncipes do exército. Plano: um exército deve entrar pela Hungria, o segundo pela Polônia, como fomos informados. Virão para lutar por dezoito anos contínuos, como foi programado [...]. Tudo isso é firme e verdadeiro, a não ser que o Senhor, por sua graça, mande algum imprevisto, como fez quando atacaram a Hungria e a Polônia. Eles deviam prosseguir por trinta anos, mas o imperador [Oguedai Cã] morreu envenenado [1241], e por isso interrompeu a guerra até agora.³⁶

Carpini conclamou a Europa a unir-se pela sua defesa contra os gengiscânicas. Por isso o frei também sugere que armas e métodos de guerra que deveriam ser usados, afirmando que se deveriam imitar os mongóis, dada sua superioridade bélica, quer pelo contingente de guerreiros, quer pela mobilidade de sua cavalaria.

O nome da edição brasileira da segunda fonte deste trabalho é *Viagem de um aventureiro medieval – Guilherme de Rubruc [sic] – 1253-1255* (Bragança Paulista: Edusf, 1997. 164 p.). Assim como o relato de Carpini, o de Rubruck foi traduzido pelo mesmo frei Ildefonso Silveira do latim para o português – o nome original da obra é *Itinerarium Fratris Willelmi de Rubruc* (Itinerário do frade Guilherme de Rubruck) – e também não está em sua versão integral.

Alguns aspectos acerca do contexto político mongol pouco antes da jornada de Rubruck se fazem necessários. Durante seu curto reinado, Guiuc Cã perdeu apoio dos mais poderosos membros de sua família. Devido às divergências entre ele e Batu, aquele preparou-se para atacar este e subjugá-lo.³⁷ Contudo, no caminho para o ataque, morreu o terceiro grão-cã, em 1248. Uma nova crise de sucessão aconteceu, e, mais uma vez, assumiu a regência do Império uma mulher, Ogul Gaimysh, viúva de Guiuc Cã.

Em 1250, houve uma *kurultai* com vistas a amainar as animosidades entre os pretendentes ao trono, na qual nada se resolveu. Uma segunda assembléia ocorreu em 1251, chefiada por Berke, irmão de Batu. Resolveu-se pela entronização de Mangu, da casa de Tolui, como grão-cã, uma vez que Batu havia abdicado de seus direitos³⁸ para permanecer no comando da Horda de Ouro.

Mangu Cã, ao assumir o poder, acabou com qualquer chance de usurpação, ao eliminar aqueles que se poderiam opor a ele e a Batu.³⁹ No entanto, depois disso, seguiu um comportamento parcimonioso, exemplificado pela compreensão das necessidades das civilizações sedentárias e pela ligação de Mangu Cã a sábios, para a produção de dicionários que traduzissem as línguas dos povos submetidos para o mongol.⁴⁰

³³ PHILLIPS, op. cit., p. 91-92.

³⁴ Ibid., p. 92.

³⁵ Ibid., p. 93.

³⁶ SILVEIRA, op. cit., p. 69-70.

³⁷ SAUNDERS, op. cit., p. 99-100.

³⁸ HAMBLY, G. El zenit del imperio mongol. In: _____ (org.). **Asia Central**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1970. (Historia Universal Siglo XXI, n. 16). p. 105-106.

³⁹ Ibid., p. 106; SAUNDERS, op. cit., p. 100. Mangu e Batu estabeleceram uma espécie de diarquia.

⁴⁰ PHILLIPS, op. cit., p. 96. Vale lembrar que os mongóis eram ilertrados. Gêngis Cã, ao dominar os uigures (povo mongólico que atualmente vive na Região Autônoma Uigur do Xinjiang - ou Sin-Kiang -, no Turquestão chinês), fez que

As conquistas estrangeiras continuavam, de acordo com a *Yassa* de Gêngis Cã. Na China, o Império Sung seria conquistado por Cublai; a Pérsia seria pacificada e o último califa abássida de Bagdá, submetido, isto em 1258, sob Hulégu.⁴¹

Sob Mangu, o Império Mongol chegou ao seu auge.⁴² A *Pax Mongolica* (Paz Mongol) também teve seu apogeu durante seu comando. O comércio terrestre entre o Oriente e o Ocidente foi retomado, num renascimento da antiga Rota da Seda. O serviço postal imperial, baseado na mobilidade da cavalaria mongol, funcionava muito eficazmente. Eram sinais da tolerância dos mongóis para com as religiões, línguas e costumes dos povos que aceitavam a submissão mongol, apesar da truculência com que conquistavam muitos deles.

Durante esse período aconteceu a viagem do frade da Ordem Menor Guilherme de Rubruck (1253-1255). Diferentemente de Carpini, cuja missão tinha caráter diplomático, Rubruck foi à Mongólia com objetivos estritamente religiosos – pelo menos em termos nominais –, a mando do rei Luís IX (São Luís) da França.

É preciso ter em consideração o contexto da Sétima Cruzada (1248-1254), após cujo término se deu a jornada de Rubruck. O Ocidente queria conquistar definitivamente a Terra Santa aos infiéis muçulmanos. Mas as invasões mongóis na Pérsia acabaram levando ao surgimento e consolidação do Sultanato Mameluco na Síria e no Egito, fundado por turcos *khwarezmitas* (corásbios) que haviam abandonado a Mesopotâmia. Sob o comando de Baibars, os mamelucos infligiram a primeira grande derrota militar do Império Mongol, em 1260. Dados os problemas com os mamelucos, iniciou-se a Cruzada de São Luís, em 1248, que fora invocada por Inocêncio IV no Concílio de Lion de 1245.

Na tentativa de sensibilizar os mongóis com a fé cristã, foi enviado o frei Rubruck, nascido na região de Flandres (atual Bélgica). Junto a ele foram o frei Bartolomeu de Cremona, um clérigo chamado Gosset – intérprete –, o escravo Nicolau, comprado em Constantinopla, e mais dois homens, da mesma cidade, responsáveis pelos animais. Partiram de Constantinopla em maio de 1253, via mar Negro até a Criméia. Então, depois de ter ultrapassado o rio Ural, Rubruck chegou a Sartac, filho de Batu, com o qual teria contato em seguida. Havia informações, que se não confirmariam, de que Sartac fora batizado, o que foi o mote inicial da viagem de Rubruck:

Na Terra Santa, ouvimos dizer que [...] Sartac era cristão; os cristãos alegraram-se muito ao ouvirem isso, e sobretudo o rei cristianíssimo da França, que lá peregrina e luta contra os sarracenos para arrebatar de suas mãos os sagrados lugares; por isso quero ir a Sartac levar-lhe a carta do senhor rei, na qual lhe dá conselhos sobre a utilidade de toda a cristandade.⁴³

Já na região comandada por Batu, pai de Sartac e cã da Horda de Ouro, Rubruck escreveu:

Nosso guia lembrou-nos de nada falarmos antes de Batu ordenar e que, então, falássemos brevemente. Perguntou também se já havíeis [referindo-se a Luís IX, pois o relato era dirigido a ele] enviado algum embaixador a ele. Respondi que havíeis enviado a Guiuc-Cã [ou seja, o frei Carpini]; disse também que não enviastes embaixadores a ele nem cartas a Sartac senão quando crestes que eram cristãos, e que fizestes não por medo, mas pela satisfação de que eram cristãos.⁴⁴

se adotasse o alfabeto criado por este povo, já sedentarizado, para a língua mongol. À guisa de curiosidade: atualmente, são três as línguas mongóis: o calca, ou *khalkha* (o mongol propriamente dito), falado na República da Mongólia (Mongólia Exterior) e na Região Autônoma da Mongólia Interior, na China; o buriata, falado na região russa ao norte da Mongólia, no entorno do lago Baical; e o calmuco, ou calmque, ou oirate (ver nota 13), falado na região russa de Astracã, na foz do rio Volga, no mar Cáspio.

⁴¹ Hulégu era irmão de Mangu Cã. Com ele surgiu o Ilcanato da Pérsia, um "vice-reino" do Império Mongol. Bagdá foi devastada sob seu comando em fevereiro de 1258. Ver: MAALOUF, A. A expulsão (1244-1291). In: _____. **As Cruzadas vistas pelos árabes**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 225-226. Cublai também era irmão de Mangu, e a ele coube a conquista do restante da China. Cublai se tornaria o quinto grão-cã (1264-1294) e mudaria a capital do Império de Caracórum para Pequim, denotando sua tendência à chinificação, tanto, que ele fundou a dinastia Yuan, a única não-chinesa a comandar a China, que durou de 1279 a 1368, quando foi deposta pela dinastia Ming.

⁴² HAMBLY, op. cit., p. 106.

⁴³ SILVEIRA, O. F. M., I. **Viagem de um aventureiro medieval - Guilherme de Rubruck - 1253-1255**. Bragança Paulista: Edusf, 1997. p. 26-27.

⁴⁴ Ibid., p. 70.

Note-se que há um equívoco de Rubruck, quando este dá a entender que Luís IX enviara Carpini. Na verdade, fora o papa Inocêncio IV que o fizera. E também o boato sobre a cristianização de cãs da Mongólia foi estendido por Rubruck, talvez para facilitar o argumento com o qual poderia ter com o cã da Horda de Ouro.

Por sua vez, Batu fez como fizera com Carpini: enviou Rubruck à corte do grão-cã, à qual chegou logo depois do Natal de 1253. Padecendo de fome e frio durante esta jornada de quatro meses até Caracórum, passando por diversos povos, os três chegaram à corte de Mangu Cã dois dias depois do Natal de 1253. Foram interrogados quanto ao propósito da viagem, cuja resposta foi a mesma dada tantas vezes: o boato de que Sartac tornara-se cristão. Então,

[...] perguntaram se [vós, rei da França] queríeis estabelecer paz com eles. Respondi: “Ele enviou carta a Sartac como cristão e se soubesse que não era cristão, jamais lhe teria escrito. Quanto a estabelecer paz, digo-vos que não cometeu nenhuma injúria; se assim fizesse, não compreendo por que causa devereis fazer guerra a ele e a seu povo, já que, de boa vontade, como homem justo que é, quereria emendar-se e propor paz. Se vós, sem razão, quiserdes mover guerra contra ele e seu povo, esperamos que Deus [...] nos ajudará.” Eles, admirados, sempre repetiam: “Se não viestes propor paz, para que viestes?”⁴⁵

Isso dá noção da arrogância mongol em relação a outros povos. Como na carta de Guyuk Cã a Inocêncio IV, verifica-se aqui a idéia de dominação total e de submissão.

Assim como a missão de Carpini, a de Rubruck levava uma carta, de São Luís, escrita após este ouvir que Sartac cristianizara-se. Quando finalmente Rubruck se encontrou com Mangu Cã, em janeiro de 1254, o freio observou que havia na corte muitos simpatizantes do cristianismo nestoriano.

Levado à presença daquele, Rubruck comunicou-se com o comandante do império por meio de um intérprete. O pitoresco desse episódio começa com o fato de que a tenda de Mangu Cã estava repleta de bebidas.⁴⁶ “Para nosso infortúnio”, relatou o franciscano, “nossa intérprete estava perto dos copeiros, que lhe deram muita bebida e logo ficou ébrio.”⁴⁷ O frade relata assim o primeiro encontro com o grão-cã:

Tivemos que ajoelhar-nos. Ele tinha como intérprete um nestoriano e eu ignorava que fosse cristão; nós tínhamos nosso intérprete, que era o que era, e já estava bêbado. Eu disse: “[...] rendemos graças e louvores a Deus que nos trouxe de tão longínquas regiões para vermos Mangu-Cã, a quem Deus deu tanto poder na terra [...].” Depois contei-lhe: “Senhor, ouvimos que Sartac era cristão [...]. Por isso viemos até ele e o senhor rei [Luís IX] mandou carta por nós, que *continham* [sem grifo no original] palavras pacíficas; entre tais palavras ele testemunhava sobre que homens éramos e rogava permitisse que morássemos em sua terra, pois nosso ofício é ensinar os homens a viverem segundo a lei de Deus [...]. [...] suplicamos, pois [...] que nos dê licença para desempenhar o serviço de Deus em favor de vós, de vossas esposas e de vossos filhos [...]. Dai-nos ao menos licença de permanecer até que passe este frio [...].”⁴⁸

Um aspecto notável nesse excerto é que Rubruck e Bartolomeu *continham* a carta. Ou seja, observa-se que tal foi extraída, sem que se mencione ao longo da fonte de que maneira. Por isso o frade teve que transmitir a mensagem de São Luís oralmente. Além dessa dificuldade, houve ainda a embriaguez do intérprete de Rubruck, o que pode ter dificultado a compreensão por parte de Mangu Cã. Ao freio pareceu também o grão-cã ébrio. A resposta do imperador dá idéia de conquista universal, por meio de uma interessante metáfora: “Como o sol espalha seus raios por toda a parte, assim meu poder e o de Batu irradiam-se por toda a parte.”⁴⁹ Percebe-se aqui a idéia de existência de uma espécie de diarquia de Batu e Mangu Cã. Aquele se empenhara bravamente para que este se tornasse o grão-cã, pois eram aliados muito ligados e porque Batu não queria abandonar a administração da Horda de Ouro.

Como não levava presentes ao imperador, e como tinha somente as palavras para sensibilizá-lo com a fé cristã, já que a carta de São Luís se perdera,⁵⁰ Rubruck pediu a Mangu Cã que deixasse seu grupo ficar na região por algum tempo antes do retorno, pois o inverno rigoroso poderia matá-los, caso eles fossem naquele

⁴⁵ Ibid., p. 92-93.

⁴⁶ Os mongóis, embora não fabricassem bebidas alcoólicas, com exceção do *kumiss* (leite de égua fermentado, levemente alcoólico), eram muito afeitos a elas.

⁴⁷ SILVEIRA, op. cit., p. 100.

⁴⁸ Ibid., p. 101-102.

⁴⁹ Ibid., p. 102.

⁵⁰ LE GOFF, op. cit., p. 50.

momento. O imperador decidiu aceitar o pedido de estadia. Mas não respondeu imediatamente sobre o conteúdo da mensagem do rei da França.

Ao longo do período em que viveu na corte de Mangu Cã, Rubruck teve alguns encontros com ele, o mais curioso dos quais juntamente com outros religiosos, cada qual representando sua crença, para um debate teológico. O imperador mandou reunirem-se um nestoriano, um católico (Rubruck), um muçulmano e um budista. Isso demonstra a curiosidade que as culturas sedentárias causavam aos mongóis, além da tolerância religiosa. O Império Gengiscânida parecia ser um terreno fértil para a propagação de religiões mais bem fundamentadas que o xamanismo local. Teria sido uma grande chance de convencer o grão-cã a converter-se a alguma delas, o que acabou não ocorrendo.

Mais do que os dois meses pedidos por Rubruck, o imperador aceitou que ele e seu acompanhante ficassem por mais cinco. Então o franciscano pôde constatar o verdadeiro caráter cosmopolita de Caracórum. Havia gente de todas as regiões conquistadas pelos mongóis. O que causa mais curiosidade é a amizade estabelecida entre Rubruck e um artesão francês, mestre Guilherme de Bouchier, morador da corte. Ele fora seqüestrado junto com sua esposa, uma húngara, em Budapeste, quando da invasão da Hungria por parte de Batu contra o rei Béla IV, em 1241, juntamente com outros estrangeiros, como um tal Basílio, húngaro filho de ingleses. Este encontro com europeus que habitavam a corte foi de extrema sorte para Rubruck, pois, em conhecendo a língua mongol, podiam ajudar nas interpretações entre ele e o imperador, como de fato aconteceu como o filho do mestre Guilherme. É também curioso observar que Rubruck chegou a rezar uma missa no período de Páscoa (Quinta-feira Santa, 9 de abril de 1254), o que alegrou os nestorianos da corte.

Na última audiência com o grão-cã, na qual houve a decisão de não aderir a qualquer religião cujas leis haviam sido apresentadas, o imperador professou sua fé com um discurso desconcertante:

Nós, mongóis, cremos que não existe senão um só Deus, pelo qual vivemos e morremos e dele temos o coração reto [...]. Como Deus deu à mão vários dedos, assim deu aos homens vários caminhos [...]. Deus deu a vós as Escrituras e não as guardais [referindo-se a uma afirmação sua de que os seres humanos não seguiam os ensinamentos de Deus]; a nós deu adivinhos e nós fazemos o que eles nos dizem, e vivemos em paz.⁵¹

Finalmente, após apelos de Rubruck de continuar professando a fé católica entre os mongóis, Mangu Cã apresentou sua resposta, numa carta:

É vontade de Deus eterno [Tengri, o Céu Eterno]: na terra não haverá a não ser um só senhor, Gêngis-Cã, filho de Deus [...], e onde quer que os ouvidos possam ouvir, por onde quer que o cavalo possa andar, ali façais ouvir-se e compreender-se [esta mensagem] [...]. Pela força de Deus eterno, pelo grande poderio dos mongóis, esta seja a ordem de Mangu Cã para o senhor rei dos franceses e todos os outros senhores e sacerdotes e o grande domínio dos franceses [...]. [...] quisemos enviar embaixadores como vossos preditos sacerdotes. Eles responderam que entre vós e nós há território em guerra [...] e caminhos difíceis; por isso temiam não poder conduzir a salvo nossos embaixadores até vós; mas se nós lhes confiássemos nossas letras com nossa ordem, eles a enviariam ao rei Luís [...]. Se não quiserdes ouvir nem crer [nesta ordem] [...] e organizardes um exército contra nós, sabemos o que podemos; aquele que tornou fácil o que era difícil, que tornou próximo o que era longe, o Deus eterno sabe.⁵²

Na viagem de volta, foi repetido o itinerário da ida até o *ordu* de Batu. Então Rubruck passou pelo Cáucaso e Anatolia, até chegar ao Chipre, onde deveria estar Luís IX para receber a carta, em junho de 1255. O rei já havia regressado à França, e o texto lhe foi entregue depois, por um intermediário. A iniciativa de comunicação com os mongóis por parte de São Luís foi encerrada. Apesar de Hulégu, o ilcã da Pérsia, ainda ter enviado embaixada a Luís IX, em Paris, para propor aliança contra os muçulmanos da Síria, houve imobilização por parte deste, pois observou "a impotência da Cristandade medieval (...) para se abrir a um mundo em face do qual não se sentia em posição de força (...). Negociações entre o papa e os mongóis se arrastaram ainda por vários anos, sem resultado."⁵³

As viagens de Carpini e Rubruck chamam atenção pela riqueza de detalhes de seus relatos e, principalmente, pela sua extensão geográfica. Estas duas missões não foram as únicas à Ásia nessa época

⁵¹ Ibid., p. 131.

⁵² Ibid., p. 139-141.

⁵³ LE GOFF, op. cit.

(meados do século XIII), mas foram as que mais penetraram naquele território.⁵⁴ O destino de ambos é o mesmo: chegar ao grão-cã, sucessor de Gêngis Cã, em seu “palácio” ambulante, onde quer que se encontre, para lhe entregar as mensagens do papa – Carpini – e do rei da França – Rubruck.

Analizando as fontes escritas por Carpini e Rubruck, podem ser verificadas algumas idéias distintas e outras semelhantes quanto aos seus objetivos.

O frade Carpini foi o emissário direto do papa Inocêncio IV junto ao grão-cã da Mongólia, neste caso Guiuc Cã, que havia acabado de chegar ao trono de seu Império. Carpini tinha recomendações precisas, baseadas no que fora discutido no Concílio de Lion de 1245: a unidade da Cristandade e a defesa contra os mongóis.

O primeiro aspecto não possuía apenas objetivos religiosos, pois “[...] parece que o papa Inocêncio III (1198-1216) [...] sonha em instaurar, no Ocidente, uma espécie de teocracia, onde todos os príncipes temporais se submeteriam ao patronato do papa, vigário de Cristo.”⁵⁵ “Esse êxito deveu pouco ao poder temporal do Papa, à base territorial que lhe era oferecida pelo patrimônio de S. Pedro. Foi por ter reforçado seu poder sobre os bispos e especialmente por ter canalizado para si os recursos financeiros da Igreja [...], encabeçando a codificação do direito canônico, que o papado, no século XII e, especialmente, no século XIII, se transformou numa monarquia supranacional eficaz.”⁵⁶ Estava em jogo, então, o poder temporal da Igreja, cujo ápice aconteceu com o próprio Inocêncio III, em 1215, quando do quarto Concílio de Latrão, por meio do qual foram impostas decisões como a obrigação da confissão e da comunhão pascais.

No entanto, essas imposições papais acarretaram reações de alguns soberanos, sobretudo de Frederico II, coroado imperador do Sacro Império em 1200. Tais reações geraram conflitos entre Frederico II e o papado, que o levaram a ser excomungado duas vezes pelo papa Gregório IX, em 1227 e 1239. Essa aparente vitória pontifical ficou selada no Concílio de Lion de 1245, quando Frederico II foi deposto, já sob o papado de Inocêncio IV. A Alemanha passou então a ser “[...] um mosaico de Estados praticamente autônomos [...], [chocando-se] em toda a parte os principados laicos, eles próprios enfraquecidos pela discórdia [...]”⁵⁷ E, na Itália, “O conflito Papado-Império favoreceu a independência das cidades [...]”⁵⁸

Quanto à defesa contra os mongóis, o Concílio de Lion lhe fez menção por conta dos ataques perpetrados por Batu à Europa oriental. O terror deixado nos corações e mentes dos europeus foi mais um fator que fez Inocêncio IV enviar Carpini ao Império Mongol.

A conclusão a que se pode chegar quanto à missão deste franciscano é a de que o papa Inocêncio IV queria transformar aquela vitória política aparente contra o Sacro Império em uma vitória efetiva. Além disso, observando que essa disputa só enfraqueceu a Cristandade, fragmentando o Sacro Império, Inocêncio IV tentou sensibilizar o grão-cã Guiuc quanto à fé cristã, por meio de uma carta condenando os ataques nômades e suplicando que estes não voltassem a ocorrer, baseado nas idéias católicas. O sumo pontífice parecia pensar que era melhor ter os mongóis como aliados do que como inimigos, dado o rastro de destruição deixado por eles na Europa oriental. O relato de Carpini, que alerta para o perigo mongol, haja vista a supremacia militar do império asiático, pode confirmar esta hipótese. Se tivesse sido efetivada a conversão dos mongóis ao cristianismo, Inocêncio IV poderia argumentar da seguinte maneira: se o Império Mongol, que reunia uma profusão de povos, cada qual com seus costumes e religiões, conseguia manter a unidade, por que a Europa não conseguia? E seria ainda melhor se esta unidade mongol tivesse como base religiosa o cristianismo. Além disso, não se pode perder de vista o contexto das Cruzadas. Se a Ásia mongol e a Europa se unissem sob o ideal cristão, o Islã teria poucas chances de se manter.

Neste sentido, deve-se abordar a jornada do frei Rubruck. Neste caso, já não é um papa que envia um missionário religioso, mas um monarca, Luís IX da França. Note-se que o esfacelamento político do Sacro Império andava em sentido contrário ao do fortalecimento do reino da França nas mãos de São Luís. Esta região, desde o século XII, vinha-se libertando de obrigações feudais mais severas, estabelecendo um governo cujos integrantes eram eleitos pelo próprio monarca.

⁵⁴ MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: primeras miradas sobre nuevos mundos. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1990 (1984). p. 16.

⁵⁵ HEERS, J. **Hiatória medieval**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. p. 135.

⁵⁶ LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1995 (1964). v. 1. (Nova História, n. 14). p. 135.

⁵⁷ HEERS, op. cit., p. 137.

⁵⁸ Ibid.

Esses êxitos se apresentam como frutos de uma dupla política: de um lado, a utilização hábil dos poderes de suserania e o confisco em seu proveito dos principais direitos feudais; por outro lado, a procura de sólidos apoios junto aos homens livres, elementos das cidades ou camponeses, beneficiados pelo desenvolvimento dos centros urbanos e os empreendimentos de aberturas de áreas para cultivo.⁵⁹

Luís IX tinha forte ligação com a Igreja, tendo sido *sagrado* rei da França, o que confirma a aliança entre a Santa Sé e aquele reino. Além disso, a sagrada coroa enfatiza o aspecto divino que envolve as monarquias europeias. Luís IX foi-se fortalecendo, à medida que “[...] liquida as intrigas e rompe as alianças dos barões mais amíúde pela diplomacia e pelo ouro do que pelas armas”,⁶⁰ ao contrário do que ocorria no Sacro Império. A partir da posição do rei da França, as monarquias feudais começaram a se sobrepor ao poder pontifical. E um sinal desse poder crescente do rei da França, dessa sua emergente independência política em relação à Igreja, está justamente no fato de que Luís IX não pediu autorização papal para enviar o frei Rubruck ao Império Mongol, ainda que o caráter da viagem tenha sido, pelo menos em tese, estritamente religioso. O próprio Rubruck, no seu relato, pede que não seja tratado como missionário diplomata, mas simplesmente como pregador da palavra de Deus. Carpini, sim, foi em missão diplomática oficial da Igreja, em nome da Cristandade ocidental como um todo, não em nome da França, somente.

E é aqui que se mostram as hipóteses que vão além do aspecto religioso, tão enfatizado por Rubruck. Mais uma vez deve-se remeter ao contexto das Cruzadas. Ora, Luís IX *era* um cavaleiro cruzado, tão importante, que as duas últimas incursões com o objetivo de conquistar a Terra Santa aos sarracenos levam seu nome: as Cruzadas de São Luís, 1248-1254 e 1270. Portanto, é evidente que o rei da França tinha a idéia de extirpar os muçulmanos da Terra Santa. E tal ocorreria com mais facilidade se o grão-cã da Mongólia – agora Mangu – estabelecesse com ele aliança política. E, além de um possível pacto contra o Islã, a aliança com o Império Gengiscânida poderia ser politicamente favorável a Luís IX *dentro* da própria Europa, uma vez que o poder do soberano da França aumentaria, caso fosse necessário o uso das forças armadas mongóis em seu benefício.

O problema que se observa, ao se analisarem as fontes, em ambos os casos – Carpini e Rubruck –, e muito bem frisado por Venkatachar,⁶¹ é a ignorância entre as duas partes envolvidas. Não houve sensibilidade, talvez nem mesmo inteligência suficiente para que se efetivasse a aliança, principalmente no caso de Luís IX e Mangu Cã. Nenhuma das partes aceitou ceder. O grão-cã porque considerava que todos os povos deveriam subordinar-se aos mongóis, numa concepção de poder universal, tão bem exemplificada na carta-resposta enviada por ele a Luís IX. O rei da França, porque não aceitou “rebaixar-se” a outro monarca, ainda mais porque se tratava de um “bárbaro”.

É claro que outros fatores devem ser levados em consideração. O Império Mongol, desde a morte de Gêngis Cã, embora tenha alcançado seu apogeu com Mangu, sofria politicamente a cada sucessão imperial. As lutas internas eram ferrenhas e a divisão do território em vários canatos trouxe uma gradual desestabilização, ainda mais pela tendência mongol de assimilação. E, dada a negativa mongol de aliança com a Europa ocidental, Luís IX parece ter deixado de considerar essa hipótese, voltando-se para os problemas da França e de suas possessões na Terra Santa. Em suma, problemas internos também ajudaram a minar uma possível aliança.

Fontes

SILVEIRA, O. F. M., I. **Enfrentando os guerreiros tártaros medievais**. Petrópolis: Vozes, 1999.
_____. **Viagem de um aventureiro medieval - Guilherme de Rubruck - 1253-1255**. Bragança Paulista: Edusf (Editora da Universidade São Francisco), 1997.

Bibliografia e referências

BERCAW, K. **Mission to the Mongols**. Disponível em <www.florilegium.org/files/cultures/mongol-mission-art.txt> Acesso em 2 maio 2004.

⁵⁹ Ibid., p. 138.

⁶⁰ Ibid., p. 142.

⁶¹ VENKATACHAR, C. S. The Historical Context of Encounters between Asia and Europe (as seen by an Asian). In: RAGHAVAN, I. (ed.). **The Glass Curtain Between Asia and Europe**: a symposium on the historical encounters and the changing attitudes of the peoples of the East and the West. London: Oxford University Press, 1965. p. 31-51.

- CONRAD, P. **As civilizações das estepes**. Rio de Janeiro: Ferni, 1978.
- ELIADE, M. Religiões da Eurásia antiga: turco-mongóis, fino-úgricos, balto-eslavos. In: _____. **História das crenças e das idéias religiosas**: de Maomé à Idade das Reformas. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. t. 3. p. 15-54.
- GENICOT, L. **Europa en el siglo XIII**. Barcelona: Labor, 1970.
- GRISONI, D. A Ásia bárbara e a China sábia. In: LE GOFF, J. et. al. **A Nova História**. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 103-108.
- GUZMAN, G. **Christian Europe and Mongol Asia: First Medieval Intercultural Contact between East and West**. Disponível em <<http://www.luc.edu/publications/medieval/vol2/guzman.html>> Acesso em 18 ago. 2004.
- HAMBLY, G. El kanato chagatai. In: _____. (org.). **Asia Central**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1970. (Historia Universal Siglo XXI, n. 16). p. 128-140.
- _____. El zenit del imperio mongol. In: _____. p. 102-115.
- _____. Gengis Kan. In: _____. p. 87-101.
- _____. La Horda de Oro. In: _____. p. 116-127.
- HEERS, J. **História medieval**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.
- HUDSON, G. The Historical Context of Encounters between Asia and Europe (as seen by an European). In: RAGHAVAN, I. (ed.). **The Glass Curtain Between Asia and Europe**: a symposium on the historical encounters and the changing attitudes of the peoples of the East and the West. London: Oxford University Press, 1965. p. 52-65.
- LAMB, H. **Gengis Khan**: emperador de todos los hombres. Madrid: Alianza, 1985 (1928).
- LE GOFF, J. A Cristandade e o mito mongol. In: _____. **A civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1995 (1964). v. 1. (Nova História, n. 14). p. 188-190.
- _____. Os gestos de São Luís: encontro com um modelo e uma personalidade. In: _____. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 71-88.
- _____. **São Luís** - Biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MAALOUF, A. A expulsão (1244-1291). In: _____. **As Cruzadas vistas pelos árabes**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 217-245.
- MARGULIES, M. Hansa e Tartária. In: _____. **Os judeus na história da Rússia**. Rio de Janeiro: Bloch, 1971. p. 111-143.
- MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: primeras miradas sobre nuevos mundos. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1990 (1984).
- PERROY, É. **A Idade Média**: o período da Europa feudal, do Islã turco e da Ásia mongólica; os tempos difíceis (íncio). 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958. (História Geral das Civilizações, n. 7).
- PHILLIPS, E. D. **Os mongóis**. Lisboa: Verbo, 1971. (Coleção história Mundi, n. 9).
- PORTAL, R. A paz mongol. In: _____. **Os eslavos**: povos e nações (séculos VIII-XX). Lisboa: Cosmos, 1968. (Coleção Rumos do Mundo, n. 9). p. 56-64.
- RIASANOVSKI, N. V. The Mongols and Russia. In: _____. **A History of Russia**. 3. ed. New York: Oxford University Press, 1977. p. 73-83.
- ROSSABI, M. **Women of the Mongol Court**. Disponível em: <www.woodrow.org/teachers/history/world/modules/mongol/serexandhex.html> Acesso em 21 jul. 2003.
- SAUNDERS, J. J. **The History of the Mongol Conquests**. London: Routledge & Kegan Paul, 1971.
- UTECHIN, S. V. The Russians in relations to Asia and Europe. In: RAGHAVAN, I. (Ed.). **The Glass Curtain Between Asia and Europe**: a symposium on the historical encounters and the changing attitudes of the peoples of the East and the West. London: Oxford University Press, 1965. p. 87-101.
- VENKATACHAR, C. S. The Historical Context of Encounters between Asia and Europe (as seen by an Asian). In: RAGHAVAN, I. (ed.). **The Glass Curtain Between Asia and Europe**: a symposium on the historical encounters and the changing attitudes of the peoples of the East and the West. London: Oxford University Press, 1965. p. 31-51.
- VENTURI, P. T. La Iglesia en el Apogeo del Poder (siglos XII-XIII). In: _____. (Dir.). **Historia de las religiones**. Barcelona: G. Gili, 1947. t. 3. p. 309-319.
- WAUGH, D. C. **The Mongols and the Silk Road**, I. Disponível em <www.silk-road.com/artl/mongolssilkroad.shtml> Acesso em 25 jun. 2004.
- _____. **The Pax Mongolica**. Disponível em <www.silk-road.com/artl/paxmongolica.shtml> Acesso em 25 jun. 2004.